

O Guardião da Fronteira



Texto e fotos de MILTON CAVALCANTI

Manoel de que? Ninguém sabe. Apenas, Manoel. O guardião da Fronteira. Da sua Fronteira. «Fronteira do Brasil com a Checoslováquia.», como quer a sua loucura. Fronteira do seu mundo interior confuso, misterioso e impenetrável. Para nós, incompreensível. Quem poderá, no entanto, julgar a insanidade de Manoel? Não será o seu mundo irreal, fantasioso e triste apenas o refúgio de um homem contra todas as incoerências, maldades e depravações do «nosso» mundo? Ante a violência o ódio, a intolerância as «cortinas» e os «muros» de nossa tão louvada civilização, como descrever Manoel, a sua loucura, a imaginabilidade doentia dos seus sonhos? Nós o fazemos, aqui, com toda a humildade de um irmão que não pode afirmar qual o mundo sadio, justo, equilibrado e certo. O dele, ou o nosso!

Ribeirão Suruquá, fronteira da esperança ou do desengano?

Era uma manhã muito fria, castigada por pesada garoa, úmida e cinza. Uma cerca de arame farpado, sustentada por mourões - velhos troncos de árvores, muitos deles revelando sinais de que haviam sofrido os efeitos de uma queimada - separavam a estrada de uma enorme propriedade: com certeza uma fazenda de criação de gado.

O pasto de capim gordura, um tanto maltratado pelo efeito da estiagem que recentemente castigara a região, estendia-se a perder de vista. Certidão – que nem precisava ser conferida em cartório – de que estávamos na presença de mais um dos latifúndios que começavam a predominar naquelas bandas. Eles substituíram algumas dezenas das pequenas propriedades que, inicialmente, caracterizavam o modelo agrário da colonização original.

Modelo que começava a esgotar-se, pelos erros acumulados ao longo de sua implementação. Depois que o machado e o fogo devastaram os raros oásis de verdura, a exploração da terra não foi adequada às características dos solos disponíveis. Não se levou em conta que sua tessitura arenosa só permitia armazenar uma quantidade mínima de elementos nutrientes, que seriam rapidamente esgotados com qualquer lavoura intensiva.

A despeito dos primeiros estudos de instituições especializadas já os considerar impróprios para a lavoura - salvo raras exceções de manchas isoladas que pesariam muito pouco no conjunto – a insistência na expansão das plantações de café sobre a região do arenito, com a tentativa de repetir-se o fenômeno das terras roxas do Norte Velho e do Norte Novo, foi imprudente e desastrosa. Os cafezais do Noroeste tiveram rentabilidade razoável nos primeiros anos. Mas a produtividade das lavouras declinou rapidamente, com quebras impressionantes nas colheitas. Àquela altura, segundo depoimentos dos líderes regionais de entidades ligadas à agricultura, a produção média não ultrapassava a irrisória marca de 11 sacos por mil pés.

A paisagem que contemplávamos era o resultado desse processo. Na propriedade do lado de dentro da cerca, nenhum testemunho de que aquela enorme pastagem tivesse abrigado alguns sítios cultivados com café. Não mais a enxada, mas desta vez o trator cumprira o seu maléfico trabalho. O enorme pasto a se perder de vista era o primeiro passo para o desencadeamento do processo da erosão rural que já se instalara em vastas áreas da região.

Do lado de fora, numa pequena elevação de terreno com altura de um metro, mais ou menos, forrada com um tapete de grama bem diferente do capim que cobria o pasto, pontificava o nosso intrigante personagem. Ao seu

lado, uma barraca verde-oliva, armada ao pé de um desgalhado tronco que resistira à queimada e exibia, ainda, as negras cicatrizes da luta contra o fogo, indicava sua condição de peregrino. Sentado sobre uma espécie de bolsa de lona bastante desgastada pelo uso, ostentava um porte senhorial de confiança em si mesmo, combinando com uma espécie de sorriso velado que passava a sensação de soberano desprezo pela nossa presença.

A despeito da aparência de maltrapilho denunciada por suas vestes – calça de brim de cor indefinida, com remendos grosseiros e irregulares, e uma jaqueta, também puída porém um pouco mais conservada, aparentando fazer parte de um uniforme militar, com as manchas típicas da camuflagem de batalhão especializado em operações na selva. Simpatizamos à primeira vista com sua figura, curiosamente quixotesca. Talvez por isso, não sei, adivinhamos um misterioso ar de serenidade iluminando seu rosto, apesar de parcialmente coberto por espessa barba, acinzentada com o depósito da poeira proveniente do arenito caiuí.

Essa, era uma marca registrada da região. Do mesmo modo que a poeira das estradas nas terras roxas do Norte Novo, de Apucarana a Maringá, identificara seus povoadores com o apelido de “pés vermelhos”, os caminhos do Noroeste também carimbavam seus habitantes com um pó muito característico, às vezes mais branco, às vezes mais amarelo, e outras vezes cinza, levantado pelo tráfego dos pesados caminhões ou pelos cascos de centenas, às vezes milhares, de reses das boiadas que demandavam os centros regionais de comercialização da pecuária de corte. Essa era a fonte de riqueza que ainda dava algum suporte aos orçamentos das municipalidades locais, todas assoberbadas com as despesas indispensáveis para manter as obras de contenção da erosão urbana e rural - flagelo que durante muito tempo penalizou toda a região Noroeste do Paraná e em certo período ameaçou tornar-se incontrolável,

O velho fusquinha-62, meio de transporte com o qual desafiávamos as distâncias e enfrentávamos as precárias condições que eram, na época, a realidade das rodovias pioneiras paranaenses, ainda sem asfalto, estava cansado, com o esforço da longa viagem desde Maringá, nossa base de atuação. Havíamos estacionado em uma estreita margem plana e alagada do Ribeirão Suruquá, um pequeno curso d'água que, cortando o arenito, solo predominante naquelas regiões que margeiam o Paranapanema, servia de divisa natural entre os municípios de Tamboara e Paranaíba. Uma enorme boiada, com cerca de 2.500 cabeças, acabara de subir a íngreme encosta, que

naquele lugar quebrava a monotonia da longa estrada sem muitas variantes de relevo, e caminhava em passos acelerados em direção a uma velha ponte de madeira que transpunha o rio no seu trecho mais estreito. Um batalhão de adestrados vaqueiros, que enchiam o ar com o som grave e estridente de suas enormes e retorcidas trompas de chifre, tangia a tropa de reses no rumo de Paranavaí.

Eu e o Aristeu Brandespim - o valente diretor proprietário da revista NP/Novo Paraná, órgão da chamada “imprensa nanica” que nas décadas de 50 e 60 foi valioso instrumento das queixas e reivindicações dos municípios paranaenses nem sempre atendidos pelas autoridades estaduais e federais e muito menos pela “grande imprensa”- aproximamo-nos da barraca, e daquele estranho personagem que havia despertado nossa curiosidade. Dava prá notar que ele desfrutava, aparentando a tranqüilidade dos justos e dos inocentes, as delícias dos primeiros raios de sol que se derramavam sobre a paisagem e afugentavam aos poucos o pesado manto de névoa que se acumulara durante a noite. Parecia soberanamente imperturbável. Com a cabeça erguida, o braço direito cruzado sobre o peito e a esquerda por debaixo da barba, a um tempo imponente e até certo ponto repulsiva – ah, o preconceito! - acariciava o pescoço.

- Bom dia, irmão.

Ele estava absorto, contemplando a caminhada do gado. Respirava lentamente, como se quisesse impedir que a mistura de ar e poeira, levantada pela tumultuada movimentação dos cascos que revolviam a terra arenosa e seca da estrada, e que rapidamente se aproximava, lhe invadisse os pulmões. Com estranha calma desviou o olhar e nos fitou de frente.

- Bom dia, respondeu.

A idéia era puxar conversa, A curiosidade, talvez mórbida, que nos despertara a sua exótica figura, levara-nos a esse impulso. Sacudindo um pouco a vasta e encaracolada cabeleira, ele repetiu:

- Bom dia... amigos.

Um pequeno silêncio. O que perguntar? Talvez o remorso, ou um vago sentimento de culpa pela petulância de querer penetrar o seu mundo, de pretender desvendar a sua intimidade, provocou a hesitação momentânea. Começamos pelo óbvio.

- Mora aqui há muito tempo?

- Sim, há muito tempo. Desde que abandonei a aviação.

O choque foi grande. Procuramos continuar o diálogo com a mais absoluta naturalidade. E prosseguimos:

- Foi aviador?

- Sou aviador: fui piloto de provas e dirigi muitos aviões de passageiros. É uma das minhas profissões.

- E o senhor tem outras, então?

- Sim. Mas abandonei quase todas. Fui torneiro mecânico e motorista, também. Hoje sou apenas guardião.

- Guardião?

- Sim, guardião da fronteira.

Fizemos uma pausa. A pergunta seguinte já subira à garganta mas não a pudemos formular. Guardião da fronteira. O que significaria? E enquanto procurávamos arrumar as idéias ele disse:

- Viajei muito, sabe?

- Ah. Sim. Muito bem... Mas, é nascido aqui?

- Não. Eu nasci muito longe. Sou da Checoslováquia.

Aí, então, empacamos. Olhamos o companheiro de viagem à procura de uma escapatória.

- Olha, Aristeu. Parece que a boiada já subiu.

O "guardião" interveio:

- Ainda vai demorar um pouco; a ladeira que eles estão subindo é grande, sabe? Eu conheço bem este lugar.

Tivemos que voltar ao diálogo. Afinal, seria sujeira abandoná-lo no meio da conversa.

- Então, nasceu na Checoslováquia?

- Sim. É um lugar muito bom. E bonito. Compreende, não é? E muito diferente daqui. Mas eu estou aqui há muito tempo, sabe? Conheço a Bahia, São Paulo, o Maranhão e a Europa. Gosto muito da Europa. Infelizmente o meu serviço atual não deixa que eu viaje. Tenho que ficar aqui.

- Muito bem. Mas não é monótona essa vida solitária? O senhor vive sozinho?

- Atualmente, sim. Mas eu sou casado. Tenho 16 filhos, compreende? E minha esposa está esperando o décimo sétimo. Ela foi para a Checoslováquia pois eu desejava que ele nascesse lá.

A essa altura era melhor seguir viagem. Mesmo porque tínhamos pressa. Em Paranavai, um compromisso importante nos esperava. Pedimos licença para umas fotos. Ele não se fez de rogado. Pousou com absoluta tranqüilidade. Vez por outra tínhamos a impressão que, por trás daquela impassibilidade, ele, intimamente, sorria. Um sorriso de mofa da nossa ingenuidade. Piedade, talvez, para com a nossa loucura. Terminamos as fotografias e fizemos a pergunta que, há muito, perturbava nosso entendimento.

- Obrigado, amigo. Até a volta. O senhor vai permanecer aqui, não é? Seu serviço deve ser importante. Mas, por favor, explique. O senhor disse que é o guardião da fronteira. Que fronteira?

Ele respondeu com desdenhosa indiferença. Creio mesmo que aborrecido com a nossa ignorância. Apontando para o Riachão Suruquá, que a poucos metros corria tranqüilamente no leito arenoso, disse:

- O senhor não vê?. Aquela é a fronteira do Maranhão com a Checoslováquia. É muito perigosa. E muito importante. É meu dever guardá-la e defendê-la.

Com um "até a volta irmão", despedimo-nos do "guardião". Tomamos a estrada da boiada e, prosseguimos para Paranavai. Tivemos a oportunidade, muitas vezes depois, de conversar com pessoas das cidades vizinhas ao Ribeirão Suruquá. Toda a região o conhecia. Já vivia naquele local há cerca de cinco anos. Estórias as mais diversas eram contadas a seu respeito. Para uns, seria um expedicionário da FEB que voltou desequilibrado da guerra. Outros afirmavam que um amor traído fizera com que perdesse a razão. Seu nome? Consta que se chamava Manoel. Manoel, de que? Ninguém sabia dizer. Apenas, Manoel, o guardião da fronteira. Da sua fronteira: "fronteira do Maranhão com a Checoslováquia", como afirmava, com aquela segurança que nos induzia a considerar uma prova indiscutível de sua loucura. Fronteira entre o seu mundo interior, que logo consideramos confuso, misterioso e impenetrável e o nosso mundo, sadio, equilibrado e justo...

A única verdade conhecida a seu respeito é que era mesmo um guardião.

E dos bons. Todos os motoristas confirmaram: se algum defeito no caminhão interrompesse a viagem nas proximidades do Ribeirão Suruquá, não haveria problema. Era só chamar "seu Manoel" e pedir que tomasse conta do veículo. Ele armava sua barraca e permanecia ao lado, como um cão-de-fila, enquanto o motorista se deslocava a qualquer cidade vizinha para pedir socorro ou comprar as peças necessárias para o conserto. E podia tomar tais providências com absoluta tranqüilidade. Tinha certeza de que, na volta, encontraria seu veículo exatamente como o deixara.

É por isso que o Manoel continuava vivendo ali. Os motoristas lhe asseguravam o sustento e era raro encontrar algum que, conhecendo aquelas bandas, não levasse em cada viagem sua lembrança para o guardião. Conta-se mesmo que certa vez sua barraca foi incendiada. E havia suspeita de que não fora um acidente, mas um ato intencional provocado por mãos criminosas, movidas pela intolerância de “pessoas de bem”, insatisfeitas com a presença, nas proximidades, daquela estranha criatura. Sabendo do ocorrido, os motoristas se cotizaram e lhe deram outro encerado. Aquele mesmo, verde-oliva, que lhe servia de abrigo quando o encontramos.

Até hoje esse episódio nos perturba, e uma dúvida pertinaz sacode os alicerces da nossa racionalidade. Como julgar a “insanidade” do Manoel? Não seria sua aparente loucura apenas o refúgio de um homem sensível contra todas as incoerências, maldades e depravações do "nosso mundo"? Ante a violência, o ódio, a intolerância, as "cortinas", os "muros" e as guerras santas em nome de alguma fé ou da nossa tão louvada "civilização", como compreender e interpretar o guardião Manoel, a sua loucura, as doências, ou simplesmente imaginosas, figurações dos seus sonhos?

Não quisemos, aqui, tentar essa empreitada. Mas simplesmente descrever um episódio, entre tantos outros que os azares da profissão nos fez testemunhar. E com esta lembrança, dedicar ao Manoel uma homenagem. Com a humildade de um irmão que não pode julgar qual o mundo sadio, justo, equilibrado e certo.

O nosso, ou o dele!
Milton Cavalcanti (Caval)